

INTERTEXTO HOMÉRICO NA EPÍSTOLA I.2 DE HORÁCIO

Alexandre Prudente PICCOLO¹

RESUMO: O presente trabalho tece observações que incentivem a leitura intertextual da epístola 2, do primeiro livro de epístolas de Horácio, a fim de evidenciar como o poeta latino se apropria de trechos do texto homérico para embasar e reforçar as exortações à virtude endereçadas ao jovem Lólio. Além do resgate das citações, cuja fonte é Homero, enfatizamos a mudança discursiva que há no uso exemplar da épica como ilustração epistolar.

ABSTRACT: This article aims to present some observations which may guide and expand a reading particularly focused on intertextuality between Horace Epistle 2 (book I) and the Homeric Epic, beyond the explicit quotations made in this latin letter. Some words about the poetic form and style on latin versification will support and enhance our study. Furthermore we try to present how the epic speech is used as illustration for advices and exhortations addressed to Lolius, one of Horace's young friends.

1. INTRODUÇÃO

Ao final do ano 20 a.C., Quinto Horácio Flaco traz a público seu primeiro livro de epístolas: uma reunião de 20 cartas para 16 diferentes destinatários, além da última, dirigida ao próprio volume à guisa de epílogo². Gozava o poeta, nessa época, de prestígio em seu meio, tendo já publicado dois livros de sátiras e três livros de odes, os quais lhe atestavam talento e renome.

Deste primeiro volume de cartas, escolhemos para o presente estudo a epístola de número dois, endereçada ao jovem Lólio, a fim de explorar a intertextualidade no uso exemplar que Horácio faz da épica homérica, com destaque especial para o discurso de exortação à virtude (*lógos protreptikòs eis aretén* – Villeneuve, 1955: 16). Iluminar possíveis *efeitos de sentido* que possam existir entre o texto horaciano e o texto homérico é o intuito principal deste texto.

Inicialmente, algumas palavras a respeito da identidade do destinatário, sobre que ainda pairam dúvidas. Enquanto muitos parecem concordar que o *Lólio* desta carta é o mesmo destinatário da carta 18, mas não o cônsul romano da Ode IV.9, alguns negam parentesco próximo entre ambos, enquanto há quem atribua ao jovem destinatário status de nobreza³ – dissensão que apenas nos confirma incertezas históricas. Percebemos, contudo, tratar-se de um jovem, seja pelo tom geral das admoestações da carta, seja pelo tratamento que Horácio usa para com Lólio, *puer* (68).

Se nas epístolas, de modo geral, a investigação moral resulta em uma constante busca pela sabedoria, na carta 2 a Lólio essa busca inicia-se pela recordação dos épicos

¹ Mestrando do Departamento de Lingüística (Letras Clássicas) do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. Bolsista da CAPES. Email: alexandrepiccolo@gmail.com.

² Para discussão sobre datas cf. Mayer, 1994: 10-11 e Villeneuve, 1955: 12.

³ Waltz (s.d.: 371) afirma ser Lólio filho do cônsul homônimo, Villeneuve (1955: 17) mantém a dúvida suspensa e Killpatrick (1984: 126) escolhe não aprofundar a discussão.

homéricos. Gian Biagio Conte define a epístola I.2 a Lólio como “uma meditação a respeito das lições morais a serem apreendidas pela leitura de Homero” (Conte, 1994: 295). As referências à *Ilíada* ou à *Odisséia*, logo aos primeiros versos (1-31), são claras e diretas. Descartado o uso alegórico da épica grega, mesmo que diminuam ao decorrer da epístola, as referências não desaparecem por completo em releitura atenta. Nosso intuito é observar em detalhes nuances específicos nessa relação intertextual entre Homero e Horácio.

2. A CARTA E ALGUNS ECOS HOMÉRICOS⁴

Horácio opera, em toda a carta, oposições e contrastes que se entrelaçam e reforçam-lhe a tecitura do argumento. Logo ao segundo verso, podem-se apontar dois opostos: o primeiro, da juventude do destinatário em preparação para a vida pública, expressa em *declamas* e reafirmada no verso 68 (*puer*), em contraste com *relegi*, que denota ação reiterada e experiente; o segundo, dos locativos justapostos *Romae* e *Praeneste*, como destaca Roland Mayer, lembrando o retiro ou afastamento do poeta *versus* a agitação da cidade (Mayer, 1994: 111). Amiúde apontada pela crítica, o embate entre filosofia e literatura – quando Horácio dá a entender preferir, nos versos 3 e 4, os poemas homéricos aos textos de Crísipo e Crantor – não se prolonga nem se sistematiza. Por que Homero e seus textos seriam melhores (*planius ac melius*) que os dois iminentes filósofos? Parece-nos resposta adequada o julgamento de Plessis e Lejay: “Horácio, para lhe [a Lólio] dar alguns conselhos de moral prática, tira suas lições não da vida que esse jovem não conhece, mas da *Ilíada* e da *Odisséia* que ainda são para ele a única experiência do mundo” (Plessis et Lejay, s.d.: 458-459), ao que Villeneuve complementa em nota: “além disso, é fato bem conhecido que o método alegórico, muito comum entre os cínicos e estóicos, interpretava Homero como um tesouro de teorias e preceitos morais” (Villeneuve, 1955: 17). A nosso ver, o uso exemplar da épica homérica feito por Horácio não descarta os estudos dos textos filosóficos, certamente escolhidos pelos mestres de retórica (Kennedy, 1994: 159), porém ressalta que as lições de natureza filosófica talvez melhor se ensinassem unidas ao *discurso literário* e, porventura, mais longamente perdurassem. É um velho costume grego, como afirma Buffiere (1973: 253), moralizar com exemplos homéricos, pois Homero é um mestre de uma refinada discrição, excelente em velar a moral sob a aparente neutralidade da narrativa – e Horácio deixa claro, logo na abertura da epístola, que assim também o fará. A ressalva “*nisi quid te distinet*” (se algo não te impede), no verso 5, que parece enfatizar menos a polidez da fórmula que a vida agitada do jovem Lólio, fecha o preâmbulo da carta dissimulando-lhe com naturalidade o imperativo (*audi*), o qual soa quase despercebido (reforçado pelas aliterações em dentais e assonâncias em /e/ e /i/).

Dez versos (de 6 a 16) traçam um breve esboço parcial da *Ilíada*. O amor de Páris é a causa do *lento duello* em que gregos e troianos se batem, no poema que reúne paixões de reis e de povos – versos 6, 7 e 8, cujas respectivas palavras finais (*amorem, duello, aestus*) fornecem temas para reprimendas ao decorrer da epístola. Resume, então, Horácio a cena dos versos 347 a 364 do canto VII da *Ilíada*: Antenor propõe a devolução

⁴ As citações dos textos homéricos foram retiradas de Monro, D. B. & Allen, T. W. (s.d.).

de Helena, a fim de acabar com a causa da guerra (*belli praecidere causam*); o divino Páris revida a proposta com um insulto a Antenor (Ilíada VII, 359-360) e, nas palavras do poeta latino, diz que não pode ser obrigado a reinar em paz e a viver feliz. Em seguida, Horácio retoma o episódio do primeiro canto da Ilíada (247 a 284), em que Nestor intervém no embate entre Aquiles e Agamêmnon a fim de lhes apressar a conciliação (*componere lites... festinat*). *Festinat* pode ser entendido com graciosa ironia, uma vez que Nestor, geronte, antes de propriamente acelerar uma reconciliação, blasona-se longamente de seu glorioso passado bélico, enquanto Atena se apressara para evitar uma desgraça: enviada por Hera, a deusa desce do Olimpo a fim de conter pelos cabelos Aquiles, cujo ímpeto furioso quase mata Agamêmnon (Ilíada I, 193-222). Se *Peliden* e *Atriden* estão separados no verso 12 da carta, não por acaso o poeta latino aproxima, no verso seguinte, outros dois sintagmas antitéticos: *hunc amor, ira quidem communiter urit utrumque* (a este, inflama o amor e a ira consome igualmente ambos), trazendo apropriada ambigüidade de referente ao pronome *hunc*⁵. Além do devido destaque conferido ao substantivo *ira*, equivalente da *ménis* grega, tema do primeiro canto iliádico, vale apontar que Horácio já versara o caso de amor entre Briseida e Aquiles na Ode II.4, versos 2-4: *prius insolentem/serua Briseis niueo colore/mouit Anchillem* (Villeneuve, 2001: 61). Nos versos 14 a 16 da epístola, arremata-se esse resumo da rapsódia, em que vale destacar a enumeração, ocupando todo o verso 15, de cinco vilezas de que a Ilíada está repleta – temas antecipados para exortações que se seguirão –, dentre as quais a *ira*, citada acima.

Rursus (por outro lado, ao contrário), ao início do verso 17, prepara a mudança de assunto e um contraste à Ilíada: a Odisséia. Em outro texto, outro momento e com outro propósito, Horácio condena, na célebre *Arte Poética*, os poetas que, logo ao proêmio, prometem narrar feitos grandiosos, “aberta tamanha boca” (*hiatu*), e louva Homero, que, ao contrário, promove clarões maravilhosos tendo prometido apenas uma vaga narrativa esfumaçada – e, para exemplificar, retoma “literalmente” os versos iniciais da Odisséia (*De Arte Poetica Liber*, v. 141-142)⁶. O resgate do exórdio da Odisséia, na epístola a Lólio, cumpre outra função: preparar o leitor para os importantes valores que serão daí extraídos, *uirtus* e *sapientia*. Os versos 17 e 18 atestam a visão horaciana sobre essa rapsódia homérica: *quid uirtus et quid sapientia possit,/utile proposuit nobis exemplar Vlixem* (propôs-nos Ulisses como exemplo útil daquilo que podem a virtude e a sabedoria), em contraste com as desmedidas retiradas da Ilíada. Horácio, ao apresentar, entre 19 e 22, uma espécie de “tradução livre” dos versos introdutórios da Odisséia, não apenas tece uma síntese do épico como recordação a Lólio, mas principalmente prenuncia as lições de virtude, prudência e sabedoria enfatizadas nas ações de Ulisses, cujo modelo de comportamento merece devido destaque desde a Antigüidade⁷.

No confronto entre os primeiros versos da Odisséia e os versos 17 e 22 da epístola I.2, paralelismos e transformações interessantes podem ser apontados:

⁵ Villeneuve (1955: p. 45) entende que o amor por Criseida inflama Agamêmnon (*Atriden*), antecedente de *hunc*, justificando-o com o trecho da Ilíada I, 109-115. Waltz (*s.d.*: 372) e Mayer (1994: 113), ao contrário, que o amor por Briseida inflama Aquiles (*Peliden*), antecedente de *hunc*, e justificam-no com a interpretação do canto I da Ilíada – além da lembrança, feita por Mayer, da Ode II.4.

⁶ Para todo o trecho referido, usamos o texto estabelecido por Villeneuve, 1955: 209-210.

⁷ cf. Mayer, 1994: 114. Rica também é a consulta ao precioso volume de Buffiere (1973), *Lès Mythes d’Homère et la Pensée Grecque*.

- O qualificativo *domitor Troiae* (vencedor em Tróia) resume quase todo o segundo verso da Odisséia, que relata o saque, a destruição, da cidadela sagrada de Tróia;
- O étimo *urbes* latino mantém o grego *ástea* (ambos “cidades”); *mores* (costumes, hábitos, personalidades etc.) faz a vez de *nóon* (mente, coração, costumes etc.), ambos de difícil tradução, e, nos dois fragmentos, acusativos especificados por genitivos “de muitos homens”, respectivamente, *multorum hominum* e *pollô anthrópon*;
- Os verbos gregos *íden* (viu, conheceu) e *égnó* (conheceu) concentraram-se no latino *inspexit* (olhar atentamente, examinar, observar) e mais curioso talvez seja o caso do adjetivo *prouidus* (previdente, prudente), cuja escolha cuidadosa parece não só ressaltar um valor louvado por Horácio na missiva, como ecoar dois adjetivos amplamente usados para qualificar Ulisses durante toda a Odisséia: *polýtropos* (que se vale de muitos meios, versátil) e *polýmétis* (industrioso, multi-ardiloso, habilidoso), todos iniciados com uma plosiva bilabial surda;
- A expressão latina *per latum aequor* (pelo vasto mar), menos prosaica, substitui a locução *en póntoi* (no mar), típica do discurso épico;
- A descrição das adversidades vividas pelo herói, nas três palavras latinas *aspera multa pertulit* (dificuldades muitas sofreu), parece traduzir, *mot à mot*, a correspondente grega *pollà pàthen álgea* (experimentou muitas dores);
- Transposição semelhante acontece entre *sociis reditum* e *nóston hetairon* (retorno dos companheiros/amigos), com uma diferença de caso para companheiro/amigo, dativo em latim e genitivo no grego.
- O aspecto subjetivo, concentrado em *katà thymón*, bem como o “lutar pela vida”, em *arnýmenos psykhèn* parecem fundir-se na expressão *aduersis rerum immersabilis undis* (insubmergível pelas ondas adversas da fortuna), cujo verso reproduz notável sonoridade⁸.

Síntese concluída, a evocação de dois episódios distintos da Odisséia – *sirenum uoces* (o canto das sereias – Odisséia XII, 39 e ss.) e *Circae pocula* (poções de Circe – Odisséia X, 135), imagens tradicionais da predicação filosófica –, restabelecido o contato com seu interlocutor (*nosti*, ao final do verso 23, que parece ter uso menos assertivo que fático), permite ao poeta uma conjectura (*quae si cum sociis stultus cupidusque bibisset* – se Ulisses, estulto e desejoso como seus companheiros, tivesse bebido...⁹) cujas finalidades são, por um lado, o elogio do comportamento heróico e, por outro, a condenação dos ávidos e insensatos, representados pelos sócios. Comentadores assentem no “deslize” da imagem sugerida nos versos 25 e 26, de uso notavelmente moral, uma vez que a Odisséia não relata a transformação dos companheiros de Ulisses em cães e sim em porcos. Mas, porcos apenas quanto ao aspecto físico, uma vez que a razão se mantém. Estas últimas três palavras, *amica luto sus* (porco amigo da lama), com seu decrescente número de sílabas, afunilam melancolicamente para nossa inclusão, a seguir, no cerne da epístola.

⁸ *Pertulit, aduersis rerum immersabilis undis*. Além da alternância entre dátilos e espondeus (como uma onda...), destacamos o jogo fônico entre “*er*” e as sílabas finais em /i/.

⁹ Lembremos que Ulisses bebe de fato a poção oferecida por Circe. O efeito, entretanto, anula-se porque o herói havia tomado o “antídoto” (*môly*, como o chamam os deuses – Odisséia X, 305) que Hermes lhe dera momentos antes de entrar na morada da feiticeira.

Se um monossílabo (*sus*: porco, suíno) tanto encerra a suposição feita sobre o episódio da Odisséia quanto conclui o próprio verso 26, outro monossílabo (*nos*) inicia o verso seguinte e nos insere na carta, com sutil evocação à Ilíada. Doutos comentadores leram na palavra *numerus* (*nos numerus sumus*, 27) uma concreta referência a *arithmós*, resgatando-a em Aristófanes ou Eurípedes. Como o segundo hemistíquio (*fruges consumere nati*) perifraseia o verso 142 do canto VI da Ilíada¹⁰, ilustre resposta de Diomedes a Glauco, preferimos ver na expressão *nos numerus sumus* uma referência à própria Ilíada, verso 146 do mesmo canto VI: *hoié per phýllon geneé, toíe dè kai andrôn* (como a geração das folhas, assim também a dos homens). Assim, Horácio diferencia-nos, por contraste, da figura ímpar do herói a fim de chamar a atenção do leitor, por um lado, para nossa condição humana, cujos instintos deverão ser disciplinados, e para os valores heróicos, por outro, que lhe servirão de modelo e exemplo. A Odisséia, então, é revocada com a imagem dos *sponsi* (pretendentes), que assediavam Penélope e dilapidavam (*nebulones*: patifes, biltres, dissipadores, 28) as riquezas de Ulisses ausente; e, em seguida, a figura de Alcínoo, rei dos Feáceas, que nos reconduz aos cantos VII e VIII da mesma Odisséia. Sem embargo da polêmica variante ao final do verso 31, novamente a rapsódia homérica se entrelaça com a poesia horaciana: as preocupações com a aparência sintetizam na fórmula latina mais mordaz *in cute curanda*¹¹ os banhos (ou salas de banhos) quentes e as roupas sempre novas do verso grego (cf. Odisséia VIII, 248-249). Se, por um lado, suprimem-se *banquete* e *coro* nos versos horacianos, por outro, o *som da cítara* e *dormir* pintam com irônica nitidez o ambiente puramente hedonista contra o qual o poeta irá advertir o jovem Lólio.

As menções à juventude despreocupada bem como aos épicos homéricos rompem-se bruscamente no verso 32, cuja imagem surpreende-nos de súbito: bandidos que “surgem” à noite para degolar um homem. Horácio retoma, então, uma interlocução mais próxima com o jovem Lólio (reaparecimento dos verbos em 2ª pessoa). As variações sintáticas debatidas para o complemento de *si noles* – em tempo, *currere* (correr) ou *expergisci* (despertar) – não ofusca a antítese *sanus* e *hydropicus*, esse último, empréstimo grego, no mesmo verso 34. *Enjambements* e a sintaxe particular dos versos 33, 34 e 35 parecem prenunciar as conseqüências negativas da indisciplina moral: ser atormentado pela inveja/ódio e pela paixão (*inuidia uel amore... torquebere*, 37), retomada dos poderes destrutivos da paixão e da ira já mencionados no verso 13.

Uma sutil referência à outra locução homérica foi também apontada por comentadores: o enjambement horaciano *siquid/est animum* (se algo remói-te o ânimo – em que a forma *est*, do verbo *edere/esse*, recebe devido destaque na longa que inicia o verso) alude ao verso 202 do canto sexto da Ilíada (*hò tymòn katédon*, remoendo a alma), trecho da conhecida narrativa de Glauco a Diomedes em que Belerofonte, após sofrer o ódio divino, isola-se dos homens e reflete, (ou melhor, *remói!*), consigo seu destino, demonstrando a reiterada contenção filosófica, imagem que Horácio parece evocar com sutileza, caso operemos essa relação intertextual.

¹⁰ *ei dé tís essi brotôn, hòì aroúres karpòn édousin.*

Se és um dos humanos que da terra fruto comem. (Ilíada VI, 142).

Vale notar que *brotôn* aparece em contraste com *theoís*, do verso anterior (141), distinguindo seres humanos e divinos.

¹¹ Com a expressão, advinda de *corpus curare*, de uso mais comum, Mayer (1994: 116) destaca que, Horácio consegue baixar o tom da mensagem, ganhando vivaz ironia com o uso de *cutis*.

Horácio parece adequar paulatinamente seu discurso. A partir das referências homéricas iniciais (6-31), intercala instruções exortativas à sabedoria (40-41, 46, 55-56) entre menções às conseqüências funestas de um comportamento indisciplinado (32-39, 41-43, 47-54 etc.). Exemplifiquemos. O imperativo *incipi* tem sua força realçada no começo do verso 41, intensificando outro imperativo, *sapere aude*, ambos precedidos por uma célebre *sententia* horaciana, apontada como variação de um provérbio grego atribuído a Pitágoras¹². Em seguida, o poeta ilustra, com a alegoria do campônio que espera eternamente o rio secar¹³, a vagueza moral de quem não se inicia nos estudos filosóficos.

As referências patentes aos épicos homéricos se arrefecem, porém ainda há lições e exortações a serem feitas – nas quais ecoam imagens homéricas. Os versos 55 e 56, que dispõem parataticamente suas fórmulas imperativas à maneira de quiasma (*sperne uoluptates... x ...certum uoto pete finem*), ao recomendar temperança e autocontrole, acabam por condenar atitudes desmedidas ou voluntariosas, como por exemplo dos embates entre Agamêmnon e Aquiles. A *ira*, evocada inicialmente nos versos 13 e 15, ressurgue em 59 na forma de um aviso funesto repleto de étimos sugestivos (*qui non moderabitur irae/ infectum uolet esse, dolor quod suaserit et mens,/ dum poenas odio per uim festinat inulto*) e a recomendação horaciana pela contenção pode remeter-nos às palavras de Phenix à Aquiles, na embaixada que tenta convencer o Peleide a deixar de lado sua cólera¹⁴. Como recorda Buffiere (1973: 335), “ótimo tema de meditação para as pessoas irascíveis: a reflexão deve prevenir e evitar as circunstâncias em que se está exposto a perder o controle de si”, tema já recorrente em Homero. Se, como apontam comentadores, a máxima horaciana (*ira furor breuis est*) remonta a um verso de Menandro, poder-se-ia ler a exortação *animum rege* como uma alusão horaciana ao conselho de Phenix a Aquiles, no verso 496 do canto IX da Ilíada: *all', Akhileû, dômason thymôn mégan* (mas Aquiles, doma teu mega-coração), alusão na qual é possível vislumbrar os papéis homéricos de tutor e discípulo como espelho das posições “preceptor-destinatário” definidas pela epístola de Horácio.

Muito ainda poderia ser dito – e esse será nosso propósito durante o mestrado: destacar a intrincada tecitura da poesia horaciana, neste especial registro epistolar, tentando evidenciar parte de sua rica intertextualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BUFFIERE, F. (1973). *Les mythes d'Homère et la pensée grecque*. Paris: Les Belles Lettres.
CONTE, G. B. (1994). *Latin literature: a history*. Baltimore/Londres: The Johns Hopkins U. P.
KENNEDY, G. (1994). *A new history of classical rhetoric*. Princeton: Princeton U. P.
KILLPATRICK, R. S. (1986). *The poetry of friendship*. Edmonton: Alberta U. P.
MAYER, R. (1994). *Horace. Epistles, book 1*. Cambridge: Harvard U. P.
MONRO, D. B.; T. W. ALLEN (s.d.). *Homeri opera*. Oxford: Clarendon Scriptorum Classicorum Bibliotheca Oxoniensis.

¹² Villeneuve (1955: 47) cita a máxima grega *arkhè dé toi hémisý pantós* (o início é a metade de todo), já evocado por Sófocles, Platão e Aristóteles, cuja “versão” horaciana pode ser posta ao lado de sentenças de Plauto, Sêneca e outros. Mais em Tosi, 2000: 377.

¹³ A alternância incompleta dos sons /u/ e /b/ (*labitur et labetur in omne uolubilis aeuum*) bem dos dátilos e espondeus parecem reforçar esse efeito de adiamento vislumbrado no verso.

¹⁴ Notemos a repetição de *khólos*, cólera, durante todo o canto IX da Ilíada (260, 299, 675) bem como o conselho reiterado para domá-la.

- PLESSIS, F.; P. LEJAY (s.d.). *Oeuvres d'Horace*. Paris: Hachette.
- TOSI, R. (2000). *Dicionário de Sentenças Latinas e Gregas*. São Paulo: Martins Fontes.
- VILLENEUVE, F. (1955). *Horace. Epîtres*. Paris: Les Belles Lettres.
- _____. (2001). *Horace. Odes et épodes*. Paris: Les Belles Lettres.
- WALTZ, A. (s.d.). *Oeuvres d'Horace*. Paris: Garnier.